

CONJURO DA QUEIMADA

Lume, luminho do verde caminho.
Da fraga à lareira faz-se a lumeira.
Lume da quentura p'rá nossa fartura,
Chama abençoada que roda a queimada.

Pingóta de *orvailho*, *anga* do agoiro.
Cerqueira de lume sem trasno nem *fume*.
Nem bruxa chuchona, nem *meiga* ventona.
Rolar moinheiro, chiscar faisqueiro.

Mojena lumiosa, vagalume rosa.
Viradeira de luz, faremos a cruz
Pelo ar da sorte que escorrenta a morte.

Pela *anga* da vida que sara a ferida
Pela erva-moura do que o que abusca atesoura.
Pela pedra do raio que mata o *meigailho*.

Lume, lume, lume,
Lume lumeada
Para alouminhar
A queima queimada
Da vida virada
Do borburelhar.

Repitam todos comigo:

Por S. Silvestre, com o pau-cipreste.
Por S. João, raio de trovão.
Por Santiago, queimada te *fago*.
E por Santo André, queimada é.

(*Momento de suspense... e depois*):

Mochos, corujas, sapos e bruxas,
Demónios, *tragos* e *dianhos*,
Espíritos das enevoadas *veigas*,
Corvos, *píntegas* e *meigas*,
Remédios das curandeiras,
Feitiços das mezinheiras.

Podres canhotas furadas,
Lar de vermes, alimárias e *dianhas*.
Gritos das almas penadas,
Fogos de *Santas Campanhas*.

Mau-olhado, negros feitiços,
Ventos malfadados do norte,
Cheiro dos mortos, trovões, raios e coriscos,
Uivar do cão, pregão da morte.

Mistela feita com ruim colher,
Focinho de sátiro e pé do coelho,
Pecadora língua da má mulher
Casada com um homem muito velho.

Fogo dos cadáveres ardentes,
Averno de Satãs e Belzebus,
Corpos mutilados dos inocentes,
Peidos dos infernais cus.

Mugido de maresia embravecida,
Barriga inútil da mulher solteira,
Guedelha porca de cabra mal parida,
Miar dos gatos que andam à janeira.

(Momento de suspense... e depois):

Com esta colher levantarei
As chamas deste fogo que se assemelha ao do inferno,
E doravante até ao eterno
Fugirão as bruxas a cavalo nas suas vassouras,
Indo-se banhar em praias de areias loiras.

(gritos, uivos e assobios...)

Ouvi, ouvi, os rugidos que dão
As que se queimaram nesta aguardente,
Ficando assim purificadas para todo o sempre.
E quando estas mistelas baixarem pelas nossas goelas
Também purificadas ficarão elas
Nesse preciso momento,
E ficaremos livres dos males da nossa alma
E de todo o *embruxamento*.

Repitam todos comigo:

Por Santiago, S. Jorge e S. Simão,
Tirai de nós os nossos medos.
Por S. Pedro, Santo António e S. João
Afastai de nós os maus bruxedos.

Agora só eu:

Forças do ar, terra, mar e lume,
A vós faço agora esta chamada:
- Se é verdade que tendes
Mais poder que as humanas gentes,
Aqui e agora, fazei que os espíritos
Dos amigos que estão fora,
Participem connosco desta queimada.

E finalmente...

Repitam novamente todos comigo:

Pelos nossos visitantes, que adorem estes instantes,
Pelos Peregrinos, que cheguem a Santiago para ouvir os sinos,
Pelas Caminhadas, que nos tragam muitas Queimadas,
Pela família, pelos amigos e até por mim
Juro agora beber tudo até ao fim.

(Adaptado do “*Conjuro*” de Mariano Marcos de Abalo, 1967, combinado com o “*Conjuro*” de Xosé María Pérez Paralhé (1909-1987)),
por Manuel J. F. Pinto